

Mulheres na Guerra: A HQ *Battlefields* - As Bruxas da Noite

Thaís da Silva Tenório¹

Resenha recebida em 13/03/2019 e aprovada em 30/08/2019.

Quando se trata dos estudos empreendidos sobre as Guerras do século XX é sabido que a maior parte das narrativas é construída em torno da atuação de soldados e líderes políticos da época. Principalmente no tocante a Segunda Guerra Mundial, enquanto muito se fala dos combatentes do Eixo e Aliados, pouco se discute a participação feminina no conflito. E, quando a fazem, evocam sua participação como enfermeiras, trabalhadoras das fábricas e não como integrantes ativas de batalhões da frente de guerra.

Assim, pensando nas possibilidades de articulação do ensino junto a obras literárias que compõem o universo da Nona Arte^{II}, somados ao intento de trabalhar a presença militar feminina, o presente texto se dispõe a resenhar o quadrinho *Battlefields – As Bruxas da Noite: Campos de Batalha*, lançada no Brasil em 15 de abril de 2016, com 164 páginas, pela editora Mythos.

A referida edição conta com histórias lançadas originalmente nos EUA, da minissérie *Battlefields – Night Witches*. As narrativas se passam na Segunda Guerra Mundial, mais especificamente no verão de 1942, quando um esquadrão de bombardeiros formado por mulheres faz inúmeros ataques às bases nazistas. Enquanto o exército alemão avançava perante aos russos e soviéticos, a tripulação feminina do 588º Regimento de Bombardeiros Noturnos se compromete a pilotar frágeis aeronaves, embarcando em missões noturnas para liquidar seus oponentes. Por suas missões se sucederem pela noite e ela agilidade e sucesso em seus objetivos, esse esquadrão de mulheres ficou conhecido entre os amigos e inimigos como *bruxas da noite*, por isso o título dado a produção.

Seguindo o estilo de outras obras nas quais trabalhou, o autor Garth Ennis tentou ao máximo fugir dos clichês de uma história de Guerra. Com ilustrações de Russ Braun a narrativa é construída de tal modo que não existam nem mocinhos nem vilões, só homens e mulheres que têm objetivos e visões diferentes da ideia de certo e errado. Ennis leva aos leitores uma visão mais humana, mostrando os conflitos que existem internamente em cada indivíduo que serve ao mecanismo da Guerra. Para tanto, a história é contada a partir de duas perspectivas distintas: a primeira é a da protagonista das histórias que é Ana Kharkova, a piloto do primeiro esquadrão de aviadoras da União Soviética, presente na capa da edição brasileira. E a segunda é construída a partir do soldado nazista Kurt Graf.

O roteiro narrativo inicia com o olhar inquieto de Kharkova com aumento das baixas e o conflito devorando cada vez mais seus companheiros, marcando a transição da futura tenente de uma jovem ingênua para uma veterana de combate endurecida. Um dos fatores que Ennis coloca ao longo de sua abordagem é que, a ação nazista já era aterrorizante, mas a ação da polícia secreta russa fazia a morte na batalha quase preferível. Anna viverá quase uma odisseia dentro do 588º Regimento de Bombardeiros Noturnos, que a levará dos campos de extermínio da Segunda Guerra Mundial para os campos de castigo soviéticos.

MULHERES NA GUERRA: A HQ BATTLEFIELDS - AS BRUXAS DA NOITE

THAÍS DA SILVA TENORIO

Historicamente, o regimento realizou bombardeios e missões contra os militares alemães de 1942 até o final da Guerra. No seu maior, tinha 40 tripulações de duas pessoas, deixando cair mais de 3.000 toneladas de bombas e 26.000 bombas incendiárias. Foi a unidade feminina mais condecorada da Força Aérea Soviética, com muitos pilotos tendo voado mais de 800 missões até o final da Guerra e vinte e três tendo recebido o título de heroína da União Soviética.

Trinta e duas de seus membros morreram na guerra. Seus voos ocorriam em *Polikarpov U-2* de madeira e lona, um projeto de 1928 destinado ao uso como avião de treinamento e para o pó de colheita, que também tinha um especial U-2LNB versão para o tipo de missões de ataque noite assédio transportados pelo 588, e até hoje continua a ser o mais produzido biplano na história da aviação. Os aviões podiam levar apenas duas bombas de cada vez, então oito ou mais missões por noite eram necessárias.

Embora as aeronaves estivessem obsoletas e lentas, os pilotos fizeram uso ousado de sua excepcional capacidade de manobra, uma técnica de ataque dos bombardeiros noturnos era acionar o motor perto do alvo e deslizar até o ponto de liberação da bomba, com apenas ruído do vento para revelar sua localização. Uma explicação do nome dado às heroínas advém dos soldados alemães compararam o som a cabos de vassoura e chamaram os pilotos de *Bruxas da Noite*. Devido ao peso das bombas e à baixa altitude de voo, os pilotos não contavam com paraquedas até 1944. Sua relevância histórica é tamanha que, quando o regimento foi enviado para frente de Guerra em junho de 1942, o 588º Regimento de Bombardeiros Noturnos estava dentro do 4º Exército Aéreo na Frente Sul.

Tendo em vista o teor histórico da produção estudada, compreendemos como esta história em quadrinho pode ser utilizada no processo de ensino da Segunda Guerra Mundial. De modo que, a partir de uma narrativa que mistura o lúdico com o real, o educando é capaz de compreender o evento histórico através de uma abordagem na qual a mulher é protagonista e a União Soviética está em primeiro plano. Através de uma abordagem clara as mulheres que teceram cotidianamente os rumos do supracitado momento histórico, o leitor tem uma nova experiência ao se debruçar na leitura. É essa experiência que galgamos proporcionar aos estudantes quando propomos levar a obra para sala de aula, como forma de somar junto aos processos de aprendizagem inserindo a discussão a respeito da representatividade feminina na Guerra.

Levar um material para ser usado em sala de aula exige do docente muito cuidado. Quando se trata de elementos visuais como os quadrinhos, a prudência deve ser redobrada, visto que existem muitas produções que tem uma recomendação de certa faixa etária por conterem imagens de lutas, sangue e morte. Com o material resenhado, verificamos que este se apresenta para a partir de 16 anos, sendo então apropriado apenas para o ensino no 3º ano do ensino médio, os quais tem entre 16 a 20 anos/ou +.

Desta forma, compreendemos que a utilização das diferentes linguagens para o ensino de História vem contribuindo para uma maior dinâmica em sala de aula, de modo que dentro desse sistema, o professor tem a possibilidade de diversificar a prática do ensino e ofertar ao educando uma melhor compreensão da mensagem histórica do evento.

Hunt^{III} nos diz que os documentos não são simples reflexos transparentes do passado, mas sim ações simbólicas com significados diferentes conforme os autores e suas estratégias os moldam. Assim, a partir da Nova História Cultura, surge um interesse

MULHERES NA GUERRA: A HQ BATTLEFIELDS - AS BRUXAS DA NOITE

THAÍS DA SILVA TENORIO

pela simbologia em história, de forma que as relações sociais nos campos de produção e interação cultural serão investigadas sob um olhar mais subjetivo. Na HQ resenhada a simbologia das imagens são uma constância, de modo que os educandos são envolvidos tanto pela narrativa quanto pela simbologia que elas trazem.

A representação imagética é utilizada como uma forma de atrair o aluno por não ser exatamente uma fonte tradicional. Apesar do estudo dos quadrinhos como ferramenta de ensino ter avançado consideravelmente nos últimos tempos, continua não sendo uma metodologia comum na comunidade docente. Ao propor a utilização de uma produção que aborda um tema histórico com uma narrativa verídica e que coloca como protagonista um grupo que é comumente excluído desse período no que tange ao combate bélico, a utilização dessa metodologia leva para a sala de aula o conceito de *Memória*, que para Le Goff é: um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder^{IV}.

Nesse ínterim, o quadrinho está o tempo todo rememorando o passado do esquadrão feminino que lutou na Segunda Grande Guerra, esquadrão esse que foi esquecido ou silenciado durante muito tempo nas narrativas sobre a guerra. Desta forma, ao levar para a sala essa discussão, podemos além de exercitar o historiar, resgatar e dar voz a história dessas mulheres que foram tão importantes para a derrota do Nazismo e fim da Segunda Guerra.

O trabalho com quadrinhos pode promover uma mudança na tradicional forma da sala de aula e pode ser muito eficiente. Para Will Eisner^V, a *Nona Arte* se constitui num veículo de expressão criativa, uma forma que junta o artístico e o literário, de forma que dispõe as imagens, figuras e palavras para contar uma história ou dramatizar uma ideia. Sendo assim um conteúdo relevante no processo de aprendizagem. O uso de Histórias em Quadrinhos pode sim ser efetuado de diversas maneiras pelos docentes, a fim de fornecer uma ideia ou investigar sobre um fato ali representado, reproduzindo ideias do período retratado como também do período que foi produzido^{VI}.

Deste modo, é exequível o desenvolvimento com alunos da educação básica, promovendo o contato destes com outros tipos de fontes históricas possíveis de serem estudadas. Não obstante, no que diz respeito a pesquisa, o contato do professor/pesquisador com esse tipo de material permite não só a ampliação de seus horizontes acadêmicos, como também pode despertar seu olhar para o desenvolvimento de estudos nesse ramo, visando trabalhar com o ensino de história e fontes audiovisuais, iconográficas e eletrônicas. Sendo o professor incumbido de romper com a postura de autoridade e dedicar mais a sua atenção nas questões de percepção, de comunicação e de aprendizagem^{VII}.

As recentes pesquisas na área do ensino têm demonstrado a importância de se inserir outros tipos de linguagens nas salas de aula. As Histórias em Quadrinhos, por sua vez são um tipo de linguagem diferenciada por unirem texto e imagem. Não obstante, é através de suas narrativas ficcionais ou não que esse tipo de literatura remonta a fatos e épocas vividos, explorando a imaginação por meio da leitura do texto e a interpretação das imagens. Assim sendo, buscamos ao longo desta resenha apresentar a obra quadrinística de Garth Ennis e demonstrar como as HQs podem ser utilizadas em sala de aula no ensino de História, expressando a potencialidade dessa literatura no que

MULHERES NA GUERRA: A HQ BATTLEFIELDS - AS BRUXAS DA NOITE

THAÍS DA SILVA TENORIO

tange a representação do passado a partir de um olhar mais lúdico, que não deixa de ter um comprometimento com o fato abordado.

^I Thaís da Silva Tenorio, professora de História, mestra pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPGH/UFRN) Integrante do grupo de estudos Teoria da História, Historiografia e História dos Espaços

^{II} Ricciotto Canudo, crítico italiano de cinema durante o modernismo, organizou as artes vigentes na seguinte ordem: 1ª Arte – Música (som) 2ª Arte – Dança/Coreografia (movimento) 3ª Arte – Pintura (cor) 4ª Arte – Escultura (volume) 5ª Arte – Teatro (representação) 6ª Arte – Literatura (palavra) 7ª Arte – Cinema (integra os elementos das artes anteriores). A partir de então, com o surgimento da fotografia, dos quadrinhos, games e novos formatos de arte digital, deu-se continuidade a classificação das artes e surgiram as seguintes: 8ª Arte – Fotografia (imagem) 9ª Arte – Quadrinhos (cor, palavra, imagem) 10ª Arte – Jogos de Computador e de Vídeo, e 11ª Arte – Arte digital (integra artes gráficas computadorizadas 2D, 3D e programação).

^{III} (HUNT, 2006)

^{IV} (LE GOFF, 1990, p. 476)

^V (EISNER 1989),

^{VI} (VILELA, 2004),

^{VII} (CALADO, 1994)

Referências:

CALADO, Isabel. **A utilização educativa das imagens**. Portugal: Porto, 1994.

EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Sequencial**. São Paulo, Martins Fontes, 1989

ENNIS, Garth. **Battlefields: As Bruxas da Noite**. Mythos, 2016.

HUNT, Lynn. **História, cultura e texto**. A nova história cultural. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, Editora da Unicamp, 1990.

VILELA, Túlio. Os quadrinhos na aula de História. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro [Org.]. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.